HONWANA

Papel lugar e função do escritor

«O novo papel do escritor e algumas ideias para um levantamento de temas de discussão» são os dois principais pontos da palestra proferida pelo escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana aos estudantes e professores da Universidade Eduardo Mondlane. De passagem, Honwana debate o conceito de Cultura Moçambicana, para depois analisar a poesia da vitória, que caracteriza como «poesia de circunstância», cuja «expressão é rude e verbo não maleável», mas uma poesia justificada pela sua «carga de libertação, pelo seu interesse político».

O orador fixa-se no momento actual e discute a nova função do escritor moçambicano e aponta algumas saídas formais e de conteúdo para que, verdadeiramente, a Literatura Moçambicana não seja um corpo estranho, mas parte integrante da nossa cultura. E nós vamos deixar Luís Bernardo Honwana apresentar as suas contribuições ao debate cultural que, segundo ele, «urge generalizar». A palestra é de Setembro; contudo, a actualidade do tema supera o atraso com que trazemos ao leitor estas palavras.

Mais do que vir trazer o projecto de um percurso inteiro, seguro, acabado, mais do que fazer uma comunicação, pensei ser mais apropriado vir compartilhar convosco algumas dúvidas e hesitações, vir suscitar aqui alguns temas de reflexão dentro do debate sobre cultura que urge generalizar.

Vamos tentar falar do papel e lugar da literatura na cultura moçambicana e, de passagem, vamos discutir o conceito mesmo de «Cultura Moçambicana».

Certas classificações estabele-

cem a existência de uma «CULTURA TRADICIONAL», que se contrapõe a uma «CULTURA ACULTURADA». Por «Cultura Tradicional» se entende aquela que nas suas manifestações (formas e conteúdo) revela e incorpora concepções, valores que se expressam por materiais e técnicas exclusivamente locais, numa dada sociedade. «Cultura Aculturada» será aquela que é já resultado da interacção entre uma cultura local e formas, concepções próprias de culturas estrangeiras. Considera-se que essa «cultura aculturada», e dizem os seus teóricos, normalmente funciona «paredes meias» com a «cultura tradicional» em sociedades que sofrem do impacto da dominação colonial e consequente incidência do binómio rejeição-assimilação. Essa «cultura aculturada» é, pois, um conceito cuja aplicabilidade costuma ser restringida ao estudo de sociedades não europeias.

Mas por toda a legítima relutância que possamos ter, como expediente de análise, tomemos de empréstimo este conceito. E façamos a ginástica necessária para aceitar esta característica estranha de a «aculturação» não se poder considerar às avessas porque, então, passa a chamar-se «cafrealização». Vamos admitir, portanto, que em Moçambique coexistem uma «cultura tradicional» e uma «cultura aculturada».

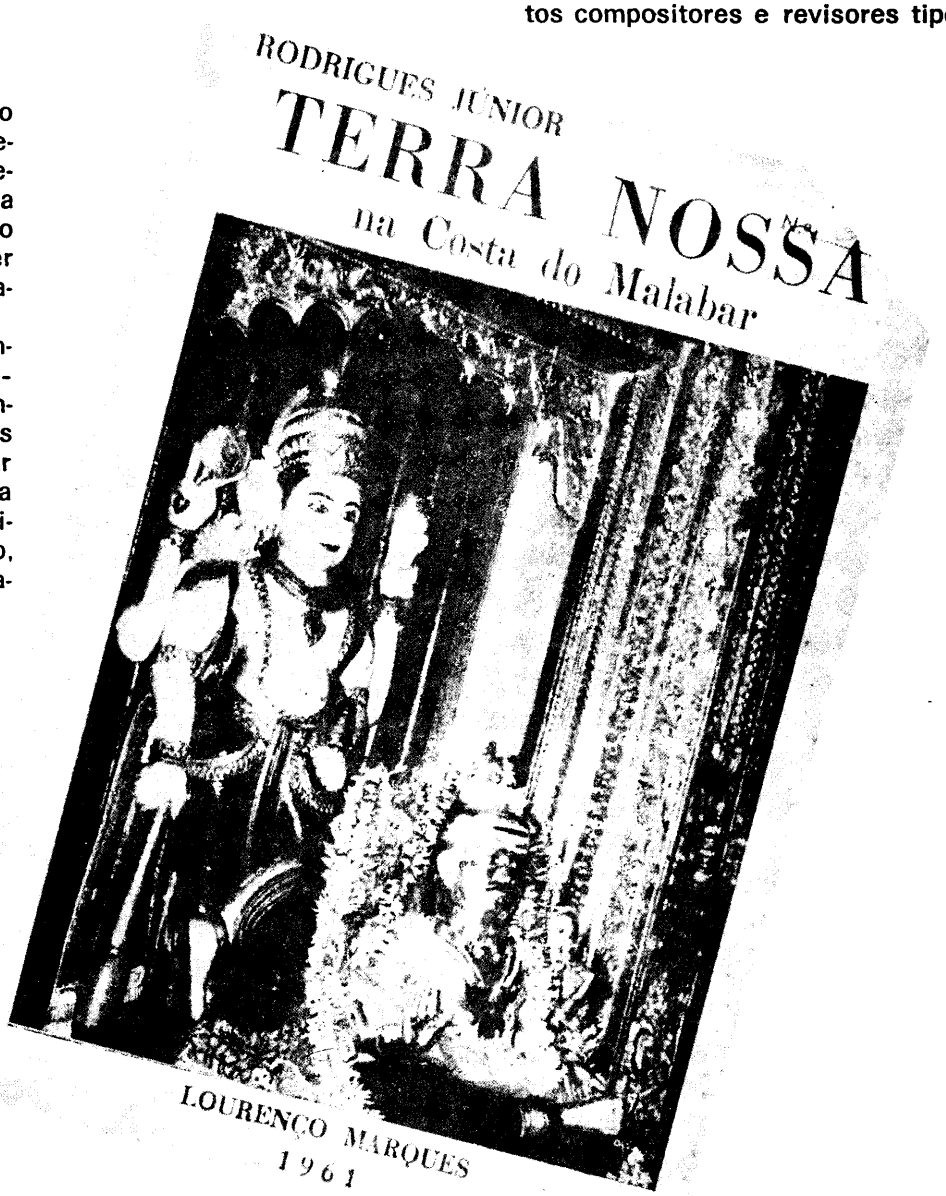
LUGAR DA LITERATURA

Quando falamos da Literatura excluímos dela a Literatura Oral que, há quem proponha, é *ORATURA*, e não LITERATURA, porque esta só pode ser a que está reduzida à escrita.

A Literatura Moçambicana surge como expressão mais alta da «cultura aculturada» no nosso país, ela nasce como forma de recreação, protesto, reivindicação e, finalmente, conscientização, naquele segmento da sociedade moçambicana cuja inserção na economia colonial conferiu acesso à escolarização. Os produtores da Literatura Moçambicana são, por isso, expressão numérica bem modesta porque, de algum modo, proporcional ao desenvolvimento da economia colonial. Os nossos escritores são pequenos funcionários, são operários, são filhos de cantineiros, são moradores de certos bairros da periferia das grandes cidades. Racicamente são pretos, ou mulatos e brancos pobres, filhos da terra.

A sua produção, que começa a afirmar-se nos últimos anos da monarquia portuguesa, mas sobretudo ao longo da primeira República, aparece em jornais, menos como Literatura que se assume como tal, do que como reportagem, crónica, editorial. O escritor é repórter, redactor, correspondente; mas também, e curiosamente, muitos compositores e revisores tipo-

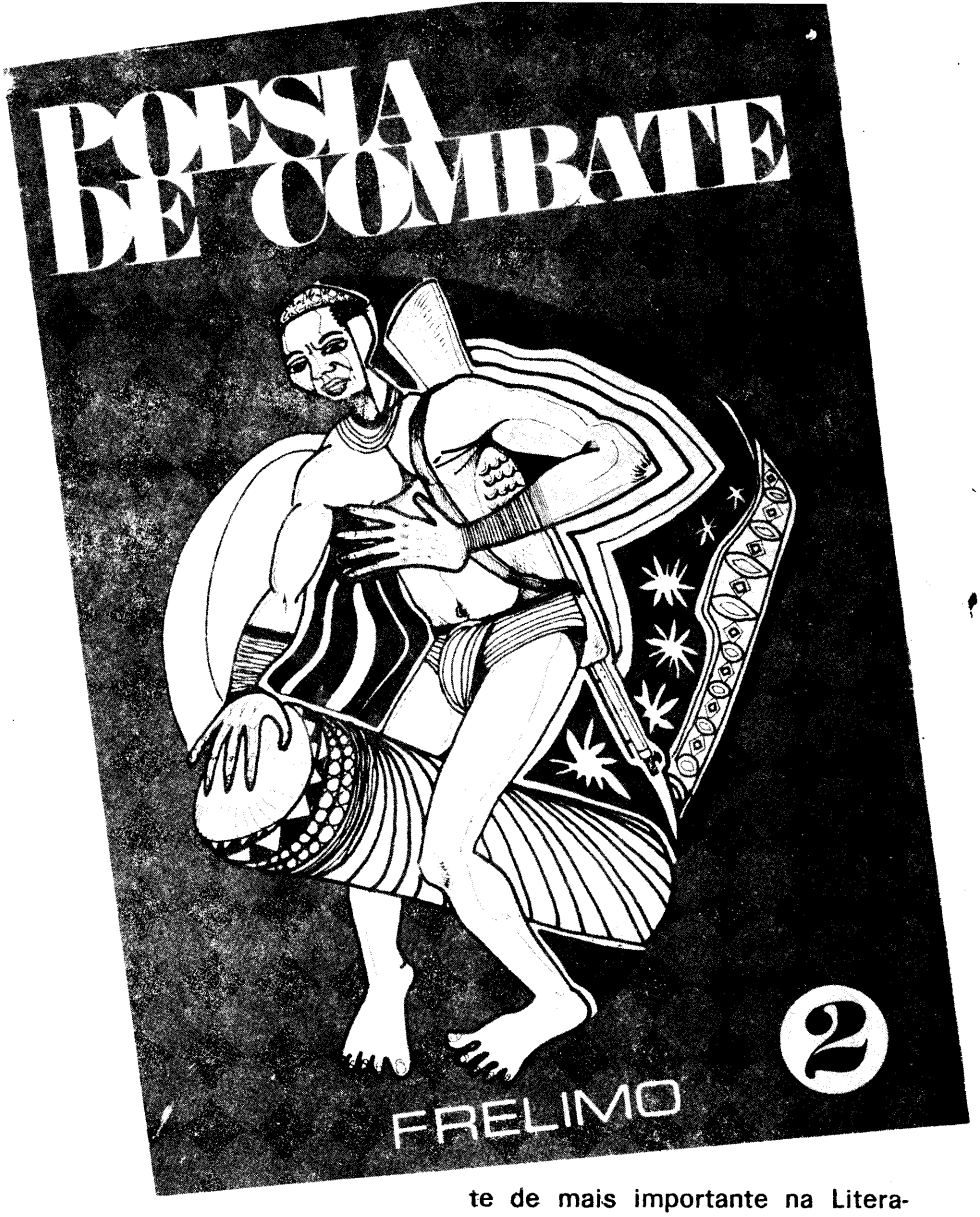
Entendemos por literatura colonial a literatura produzida pelos colonos, exploradores e viajantes portugueses, descrevendo de forma humorística e distanciada o exotismo das paisagens, usos e costumes que lhes era dado observar.



gráficos arriscam, de quando em vez, o seu pedaço de prosa.

Historicamente, é primeiro nos jornais que se denuncia o racismo vigente, as injustiças sociais; que se faz a defesa dos direitos dos «indígenas»; que se fazem reivindicações operárias e se animam acções grevistas. É através dos jornais que a emergente burguesia local contesta as relações económicas de desfavor que a metrópole lhe impõe e, por esta via, aparecem incorporados na Literatura Moçambicana, dos portugueses liberais, residentes componentes importantes. É nos jornais que começa a ter expressão um certo associativismo que no seu desenvolvimento vem assumir aspectos nacionalistas. Só depois da segunda guerra mundial é que a Literatura Moçambicana, por assim dizer, se autonomiza do jornalismo. É de registar que as peças literárias produzidas nesses tempos primeiros viviam um pouco na esteira da literatura colonial que então se praticava.

Entendemos por literatura colonial a literatura produzida pelos colonos, exploradores e viajantes portugueses, descrevendo de forma humorística e distanciada o, exotismo das paisagens, usos e costumes que lhes era dado observar.



A poesia da vitória é uma poesia testemunhal, uma poesia que não pressupõe poetas; que não implica um exercício continuado, um aprendizado, uma maestria. É uma poesia da espontaneidade. A poesia da vitória é uma afirmação do ser, afirmação turbulenta porque inteira, orgulhosa e rejeitadora de tudo o que fosse, ainda que vagamente, ou parecer alienígena. A expressão é rude, o verbo não é maleável, o empolgamento resulta da consciência da ousadia do estar dizendo e não tanto do que se está a dizer.

Além de muitas das crónicas jornalísticas dos primeiros escritores moçambicanos, só pela sua análise temática é que chegamos à conclusão de que se trata de uma visão moçambicana da realidade. Desses textos ainda estão ausentes o ritmo, a cor, a imagética, que virão mais tarde a enriquecer e dar carácter à Literatura Moçambicana.

Nos anos 50 e 60 produz-se muito do que até este momento existe de mais importante na Literatura Moçambicana. Por um fenómeno de polarização social, os nossos escritores, principalmente os poetas, assumem-se vigorosamente como voz colectiva, transcendendo os limites estéticos e políticos da pequena burguesia local donde na sua grande maioria são oriundos. E aqui entra em cena a reafricanização que, de acordo com Mário de Andrade, «teria tido como grande via e campo de realização, justamente, a literatura». Esta é a fase em que a Literatura Moçambicana viveu a sua maior animação: multiplicam-se as páginas literárias, surgiam revistas, antologias, edições individuais e colectivas, faziam-se recitais de

A prática entre nós tem sido a de privilegiar certas manifestações culturais, como a dança e canção tradicionais, a estatuária, a pintura e a escultura, em detrimento da literatura, do teatro e de outras manifestações culturais não tradicionais. Na prática aceitamos a tal dicotomização entre «cultura tradicional» e «cultura aculturada», situando na primeira não só as raízes da personalidade moçambicana, como, até, a totalidade do fenómeno cultural. Por outras palavras, a nossa cultura é só a sua metade, e não vale o expediente de se dizer: «o nosso povo não compreende, não gosta».

poesia. Alarga-se, concomitantemente, o universo ledor.

A Literatura Moçambicana já não se produz apenas para exclusiva fruição dos colonos (que são contra quem se escreve) e das camadas intelectuais. Os moçambicanos já soletram os seus poetas, já se identificam com as situações que narram os seus contistas. Afinal de contas, conclui-se, embora escrevam em Português, os nossos escritores (de quem de momento pouco interessa discutir a origem) escrevem para combater a opressão colonialista.

POESIA DA VITÓRIA

A poesia da vitória é poesia de circunstância. Ela consiste na conquista do direito à palavra por parte daqueles que não são produto da «aculturação» nem foram expostos ao processo da assimilação.

A expressão é rude, o verbo não é maleável, o empolgamento resulta da consciência da ousadia do estar dizendo e não tanto do que se está a dizer. A poesia da vitória é uma poesia testemunhal, uma poesia que não pressupõe poetas, que não implica um exercício continuado, um aprendizado, uma maestria. É uma poesia da espontaneidade. A poesia da vitória é uma afirmação do ser, afirmação turbulenta porque inteira, orgulhosa e rejeitadora de tudo o que fosse, ainda que vagamente, ser ou parecer alienígena.

Na lógica estreita desta poesia da vitória, as formas «aculturadas» de arte são imediatamente consideradas formas poluídas, formas alienadas, formas estrangeiras. Busca-se autenticidade, busca-se na tradição (que ninguém tem tempo de julgar se boa se má) o suporte cultural do ser. Não se trata do retomar, enquanto tais, das teses da negritude, trata-se apenas de afirmar o que foi negado e de usar na afirmação a mesma veemência com que se sentiu e sofreu a negação.

O pronocionamento da poesia de circunstância, justificado pela sua carga de libertação, pela sua função catártica, enfim, pelo seu interesse-político, implicitou o retraimento da Literatura outra, de tal modo que à independência não correspondeu, como seria de esperar, um ressurgimento literário. E é facto que a erupção poética que se verificou desde o Governo de Transição apresenta ineludível uma componente de xenofobia que, acrescentada à redefinição da nacionalidade de muitos escritores até há pouco tidos como moçambicanos, justifica um sentimento de suspeição em relação à literatura que se praticava na zona ocupada.

O NOVO PAPEL DO ESCRITOR E ALGUMAS IDEIAS PARA UM LEVANTAMENTO DE TEMAS DE DISCUSSÃO

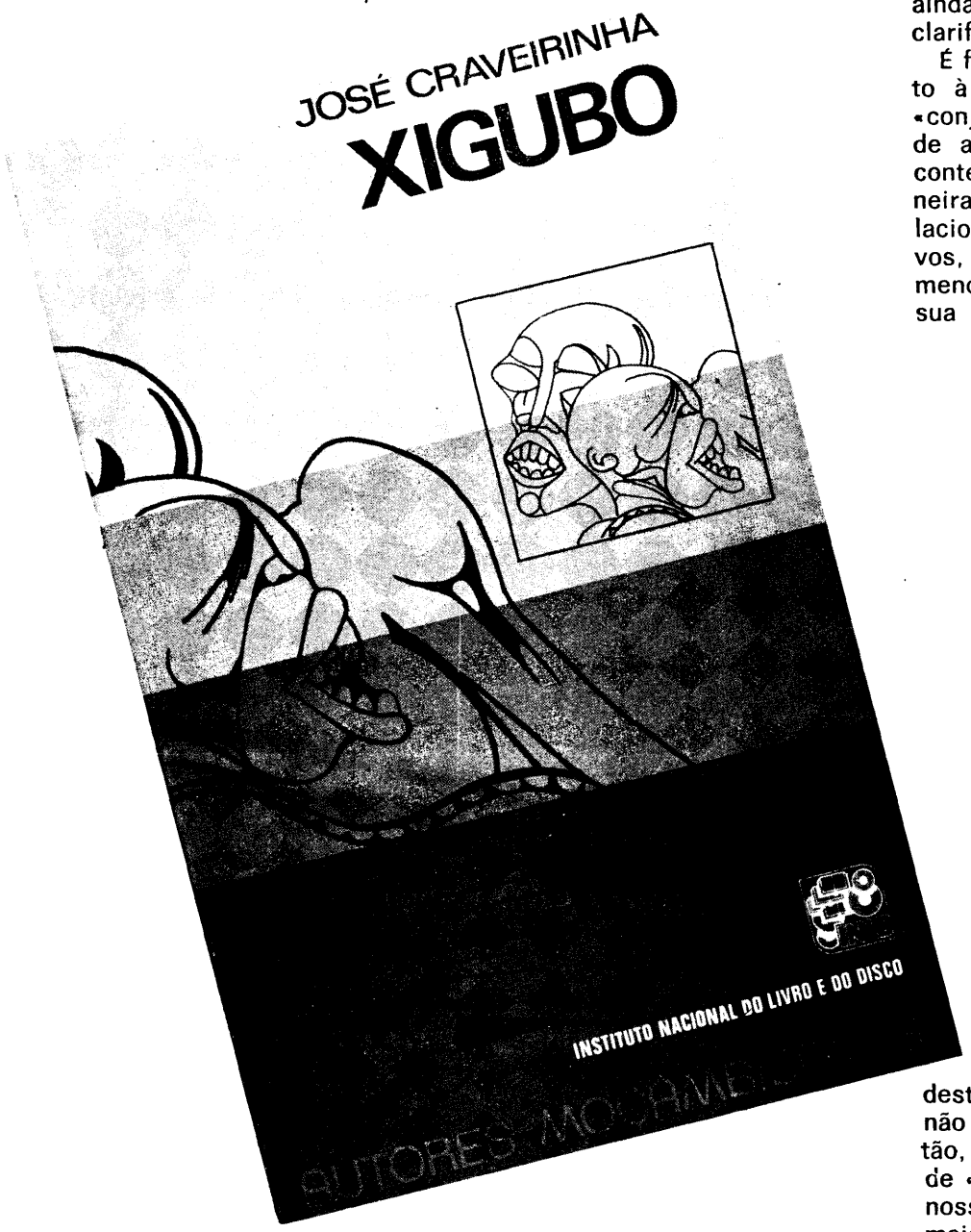
Os problemas materiais da produção literária são facilmente ultrapassados, felizmente. O mesmo já não se pode dizer da questão nuclear, que é a REDEFINIÇÃO NA NOSSA SOCIEDADE E NO NOSSO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO DO PAPEL, DO LUGAR E DA FUNÇÃO DO ESCRITOR. Em última análise, de parceria com uma política editorial pouco encorajadora, a falta dessa definição conduz a uma situação inibitória da produção literária. Mas isso conduz-nos ao problema maior que é a QUESTÃO CULTURAL.

O nosso Partido tem-se debruçado por várias vezes sobre o problema da Cultura. Temos muitos textos que referem e denunciam a utilização da cultura pelos colonialistas como arma para promover o divisionismo e a dominação e, por outro lado, a utilização positiva da cultura no processo da Luta Armada de Libertação Nacional como instrumento de unificação, integração, libertação e de afirmação da personalidade do Homem Moçambicano. Noutros textos, o Partido chama atenção para

(...) E grande risco é o de cairmos na armadilha do nacionalismo cultural e impormos como limites da criatividade os valores legados pela tradição. (...) Ora, nós defendemos que o artista é essencialmente um inovador, um criador. Ao criador compete ver na ponta apropriada, isto é, do povo, seus problemas, seus anseios, seu viver, saber da história e das tradições; mas também da luta incessante pelas transformações, pelo progresso. De posse desse material, e armado da sua sensibilidade técnica, inventiva e criadora, reelabora, sintetiza e recria. O artista não é um simples depositário do passado. Ele é essencialmente um construtor do futuro, um questionador do presente.

o perigo de a cultura poder ser utilizada como via de perpetuação dos valores da Sociedade Velha, dos valores burgueses, em oposição aos valores populares que devemos assumir e defender. Os textos são claros e na sua orientação programática e respondem a situações concretas que houve que enfrentar no nosso passado recente. Todavia, a interpretação correcta das directivas do Partido quanto ao problema da cultura, exige ainda um esforço de elaboração e clarificação.

Tão logo as relações entre as comunidades humanas não sejam as de dominador e dominado, de explorado e explorador, aquilo a que se chama «aculturação» e se tem por incivilidade às origens ou cedência a valores estranhos, passa a significar empatia, troca, aquisição, ou mesmo conquista, como é para nós a própria Língua Portuguesa, Língua Oficial na República Popular de Moçambique.



É fácil estarmos de acordo quanto à definição de cultura como «conjunto de conceitos, atitudes, de acções que num determinado contexto histórico traduzem a maneira de ser de um povo, o seu relacionamento com os outros povos, a sua interpretação dos fenómenos da vida e da Natureza, a sua explicação do Universo e do destino do Homem». Todavia, já não é fácil respondermos à questão, aparentemente mais prosaica, de «quais são os componentes da nossa cultura?» Certamente muito mais difícil será obtermos consenso quanto à forma de intervir no processo cultural em ordem a, reflexamente, operar no Homem as transformações que as exigências do desenvolvimento tornam imperativos.

Dá-se que, mau grado as limitações que lhe impõe o baixo índice de alfabetização no nosso país, a Literatura é, de entre todas as expressões culturais, aquela que tem a maior incidência ideológica. O seu material é a palavra e a sua característica é a alta capacidade de descrever, de caracterizar, de analisar.

A prática entre nós tem sido a

«o nosso povo não compreende, não gosta.»

Note-se que, por exemplo, a pintura a óleo, guache e aguarela, o desenho à Tinta da China ou a carvão são formas artísticas que em si nada têm a ver com a nossa tradição. Contudo, a pintura de um Malangatana e de um Mankeu são já, e definitivamente, pintura moçambicana, por direito próprio, e sem que se possa jurar que a grande maioria do nosso povo domina minimamente a gramática destes nossos grandes artistas. E grande risco é o de cairmos na armadilha do nacionalismo cultural e impormos como limites da criatividade os valores legados pela tradição. Aos artistas competirá, então, apenas a preservação, exaltação d e s s e s valores, sem qualquer perspectiva crítica.

Ora, nós defendemos que o artista é essencialmente um inovador, um criador. Ao criador compete ver na ponta apropriada, isto é, do povo, seus problemas, seus anseios, seu viver, saber da história e das tradições; mas também da luta incessante pelas transformações, pelo progresso. De posse desse material, e armado da sua sensibilidade técnica, inventiva, o criador reelabora, sintetiza e recria. O artista não é um simples depositário do passado. Ele é essencialmente um construtor do futuro, um questionador do presente.

É através da acção do artista que o povo se apropria do património cultural, enriquecendo a sua experiência com a experiência de outros povos, ampliando os horizontes da sua cultura. Tão logo as

de privilegiar certas manifestações culturais, como a dança e canção tradicionais, a estatuária, a pintura e a escultura, em detrimento da literatura, do teatro e de outras manifestações culturais não tradicionais. Na prática aceitamos a tal dicotomização entre «cultura tradicional» e «cultura aculturada», situando na primeira não só as raízes de uma personalidade moçambicana, como, até, a totalidade do fenómeno cultural. Por outras palavras, a nossa cultura é só a sua metade e não vale o expediente, um pouco paternalístico, de se dizer, como já se disse de certas formas artísticas não tradicionais:

O escritor moçambicano é essencialmente um lutador. (...) Ele deve agora encontrar as suas fontes de motivação no patriotismo, na afirmação da personalidade moçambicana, no combate às sequelas do colonialismo, ao racismo, ao tribalismo e pela unidade nacional, dentro da ampla frente anti-imperialista. É rico o temário que oferece o quotidiano nestes anos de construir uma Pátria. Há o entrechoque das experiências humanas mais diversas, o insólito das situações resultantes do aprendizado de novos conceitos, a exaltação do poder conquistado; há o sabor fresco da liberdade, o amor redescoberto, o orgulho — tudo isso, em simultâneo com o desmoronar do mundo ancestral, das sinecuras coloniais, com os desfazer das grandes famílias desapossadas das suas terras, dos seus prédios de rendimento, desmoralizadas pelo igualitarismo dos GDs e das bichas.

relações entre as comunidades humanas não sejam as de dominador e dominado, de explorado e explorador, aquilo a que se chama «aculturação» e se tem por incivilidade as origens ou cedência a valores estranhos, passa a significar empatia, troca, aquisição, ou mesmo conquista, como é para nós a própria Língua Portuguesa, Língua Oficial na República Popular de Moçambique.

Passa portanto, sem necessidade de demonstração, a importância e o papel do escritor e da literatura no nosso processo cultural. E por isso, talvez, devemos remeter a relativa crise de produção literária que ocorre desde a independência às próprias dificuldades de clarificação da questão cultural. Dá-se que, mau grado as limitações que lhe impõe o baixo índice de alfabetização no nosso país, a Literatura é, de entre todas as expressões culturais, aquela que tem a maior incidência ideológica. O seu material é a palavra e a sua característica é a alta capacidade de descrever, de caracterizar, de analisar.

O escritor moçambicano é essencialmente um lutador. Foi-o na resistência foi-o na luta clandestina, foi-o na luta armada, foi-o, até, na coragem da reafricanização. Ele deve agora encontrar as suas fontes de motivação no patriotismo, na afirmação da personalidade moçambicana, no combate às sequelas do colonialismo, ao racismo e ao tribalismo e pela unidade nacional, dentro da ampla frente anti-imperialista.

É rico o temário que oferece o quotidiano nestes anos de construir uma Pátria. Há o entrechoque das experiências humanas mais diversas, o insólito das situações resultantes do aprendizado de novos conceitos, a exaltação do poder conquistado; há o sabor fresco da liberdade, o amor redescoberto, o orgulho — tudo isso, em simultâneo com o desmoronar do mundo ancestral, das sinecuras coloniais, com o desfazer das grandes famílias desapossadas pela Revolução das suas terras, dos seus prédios de rendimento, desmoralizadas pelo igualitarismo dos GDs e das bichas.

E, naturalmente, não está ainda esgotada a narração do sofrimento das vítimas do colonialismo. Não está completamente feito o retrato dos anos sombrios de dominação.

Este momento é também rico de sugestões formais, com a introdução, na Língua Oficial, de tantos termos e expressões novos, com as mais inesperadas variações semânticas e reformulações gramaticais. Estamos certos de que chegou o momento de corrigir as concepções que porventura tenhamos defendido sobre a nossa cultura. É tempo de defendermos que a cultura moçambicana deve ser una na sua identidade nacional, rica na multiplicidade das suas formas e expressões, e viva por interacção com a cultura de outros povos.

E seria esta a introdução à conversa que porventura pudermos aqui trocar, com base nestas ideias que de uma forma apressada e mal-alinhavada vim aqui trazer. Obrigado. □

Estamos certos de que chegou o momento de corrigirmos as concepções que porventura tenhamos defendido sobre a nossa cultura. É tempo de defendermos que a cultura moçambicana deve ser una na sua identidade nacional, rica na multiplicidade das suas formas e expressões, e viva por interacção com a cultura de outros povos.